

ASPECTOS NARRATIVOS DO CONTO INSERIDOS NO DRAMA ESTÁTICO “O MARINHEIRO”, DE FERNANDO PESSOA

Suely Aparecida Zeoula de MIRANDA*

RESUMO

O presente trabalho pretende apresentar alguns aspectos narrativos inseridos no drama estático *O Marinheiro*, de Fernando Pessoa. Partindo da idéia de que, dentro do discurso literário, a narrativa é uma questão central, procuramos estabelecer pontes entre a peça e sua linguagem teatral, e a narrativa de que se vale uma das personagens para enredar o leitor e levá-lo a refletir de maneira direta sobre temas existenciais e, como é comum na obra pessoana, extremamente paradoxais. As três veladoras da jovem morta, encerradas num quarto de um castelo antigo, completamente imóveis, fazem da palavra sua única forma de interação com o mundo que existe lá fora. Sons, luzes, sombras, imagens, uma única janela que dá para o mar, tudo é profundamente simbólico. Nesse contexto, a narrativa assume seu papel de elo, conduzindo o leitor pelos caminhos que definem a emoção das personagens e a clara intenção do autor: mostrar a fugacidade das coisas e a fragilidade da vida, valendo-se da força e da permanência das palavras.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativa. Linguagem teatral. Simbologia. Paradoxo.

INTRODUÇÃO

A leitura do drama *O Marinheiro* é, como se sabe, rica de símbolos que valorizam elementos sonoros e rítmicos, falando dos mistérios da vida e da morte. Não há qualquer movimento, a não ser o da *imaginação* e da *linguagem*. No meio do texto, está inserida a narrativa de um sonho que uma das veladoras conta, numa fala profundamente poética e triste. Essa narrativa é o mote deste trabalho.

O objetivo é mostrar a importância da linguagem, que compensa a inércia das personagens e parece fazer, da obra, um hino à palavra. É, em última análise, o único e palpável sinal de vida. Isso fica claro na fala da primeira veladora, num dado momento da peça: “Ah, falemos, minhas irmãs, falemos alto, falemos todas juntas...”

O Marinheiro é um drama feito **em** pessoas e não **de** pessoas. A peça passa-se no quarto de um castelo antigo, onde três jovens velam o corpo de uma donzela. O que mais impressiona é a rigidez do quadro, a forma estática das cenas. Tudo se passa nesse quarto e as três veladoras jamais saem do seu lugar.

Essa postura estática contradiz a fala que desenvolvem. A jovem morta é, aparentemente, inútil às cenas. Mas, na verdade, pode simbolizar o passado, sempre presente, apesar de corporalmente ausente.

Aspectos do Drama Estático

Existem, no drama *O Marinheiro*, dois grandes espaços: o mimético e o diegético. Segundo Issacaroff,

* Mestre em Estudos Literários pela UNESP – Araraquara . Docente da Graduação e Pós – Graduação da Faculdade de Educação São Luís - Jaboticabal e-mail : suelyzm@ig.com.br

espaço mimético é tudo o que é visível, concreto e espaço diegético, tudo o que é subjetivo. Portanto, no drama analisado, o espaço mimético será construído pelo quarto circular, visível no palco, e o espaço diegético pelas recordações, pelo sonho das veladoras. Se considerarmos ainda a existência do espaço sonhado pelo marinheiro e narrado pela segunda veladora, veremos que este se situa num outro nível." A este espaço, situado a um nível diegético hierarquicamente superior, dei o nome de intradiegético, à semelhança do que Gérard Genette fez com a designação dos diferentes níveis narrativos." (MARINHO, 1983).

Se o espaço mimético é fechado, concreto e fixo, o diegético é aberto, abstrato e móvel. O primeiro representa o presente; o segundo, o passado. No mimético está a morte; no diegético está o sonho.

Encerradas no espaço fechado e circular do quarto, as veladoras só vivem pela palavra, pelo sonho que se opõe à morte. As três circulam pelos dois espaços, mas a morta pertence apenas ao mimético e o marinheiro ao diegético e, pelo seu recordar, ao intradiegético, como já foi citado.

Os objetos também ganham importância dentro do drama *O Marinheiro*. Nele podemos perceber três tipos de objetos, que correspondem aos três espaços mencionados. Ao espaço mimético pertencem o caixão, a donzela morta, as três veladoras, as quatro tochas, o relógio, (apenas citado). Ao espaço diegético pertencem a casa, as flores, as árvores, o navio ao longe, o marinheiro, o barco. Ao espaço intradiegético pertence o navio.

No espaço mimético, os objetos têm a função de gerar angústia, atemporalidade, evasão e sofrimento. Além disso, no nível sintático, os objetos são, nesse espaço, sujeitos e, às vezes, complementos diretos. No espaço diegético, os objetos procuram superar, através do sonho, a instabilidade existente no espaço mimético. Contudo, acabam por gerar um desespero e uma angústia ainda maiores. Nesse espaço, os objetos são, no nível sintático, complementos circunstanciais.

Dois campos semânticos aparecem n' *O Marinheiro*: Morte e Sonho. No campo semântico da morte estão inseridos lexemas como: **caixão, veladoras, tochas**. No campo do sonho aparecem **passado, incerteza, felicidade perdida, desesperança**.

Os objetos são, também, símbolos: de vida e felicidade (casa, flores); de evasão (vela, navio); da morte (o caixão); de atemporalidade (o relógio ausente).

A Narrativa n' *O Marinheiro*

Em *O Marinheiro*, a fala das personagens é, como já vimos, o único sinal de vida, de resistência à estagnação.

As três jovens falam o tempo todo. Têm medo e, ao mesmo tempo, tédio. Suas falas são filosóficas e intrigantes, com definições fascinantes: "as mãos não são verdadeiras nem reais... são mistérios que habitam nossa vida." (PESSOA, 1986, p. 443); "os montes devem ter um segredo de pedra que se recusam a saber que têm..." (p. 443); "tudo é muito e nós não sabemos nada..." (p. 445).

A segunda veladora, então, começa a contar um sonho que ela teve; é sobre um marinheiro, perdido numa ilha longínqua. Ele também sonha, com uma pátria que inventou. A cada dia inventa novas paisagens, pessoas, acontecimentos. Até que se cansa de sonhar e tenta se lembrar de sua pátria verdadeira... Mas não consegue.

Esquecera tudo. E percebe que toda a sua vida, agora, se resume no sonho que sonhara, dia após dia.

A jovem, então, se perde no relato: contara um sonho, dentro de outro sonho. E as três se assustam: onde está, qual é o limite entre o real e o irreal? E se a jovem morta estivesse ouvindo a história? Quem pode afirmar que não?

Então amanhece. E, com o amanhecer, vem a certeza: é seguro viver, mas é mais bonito sonhar. Onde está a maior tristeza: na morte ou na vida? Em que se deve acreditar?

O início da narrativa, partindo da segunda veladora, é simples, perfeitamente plausível: um marinheiro que se salvara de um naufrágio, perdido numa ilha longínqua. À medida, porém, que o relato se enriquece de pormenores, vai também se enriquecendo de fascinantes colocações. O marinheiro não tinha como voltar à sua pátria. Assim, “pôs-se a sonhar uma pátria que nunca tivesse tido; pôs-se a fazer ter sido sua uma outra pátria, uma outra espécie de país com outras espécies de paisagens, e outra gente, e outro feitio de passarem pelas ruas e de se debruçarem das janelas... Cada hora ele construía em sonho esta falsa pátria, e ele nunca deixava de sonhar.” (PESSOA, 1986, p.445-446).

A narrativa vai ganhando contornos cada vez mais interessantes à medida que a veladora se enreda no próprio falar. “Durante anos e anos, dia a dia, o marinheiro erguia num sonho contínuo, a sua nova terra natal... Todos os dias punha uma pedra de sonho nesse edifício impossível... Breve ele ia tendo um país que já tantas vezes havia percorrido. Milhares de horas lembrava-se já de ter passado ao longo de suas costas...”(p. 446). Podemos perceber, nesta narrativa, o *elemento descritivo*, que dá o caráter verossímil à história: “Ao princípio, ele criou as paisagens; depois criou as cidades; criou depois as ruas e as travessas, uma a uma, cinzelando-as na matéria de sua alma - uma a uma as ruas, bairro a bairro, até às muralhas do cais de onde ele criou depois os portos... Uma a uma as ruas, e a gente que as percorria e que olhava sobre elas das janelas... [...] E assim foi construindo o seu passado...Breve tinha uma outra vida anterior...Tinha já, nessa nova pátria, um lugar onde nascera, os lugares onde passara a juventude, os portos onde embarcara...”(PESSOA, 1986,p. 447). O clímax apanha o leitor de modo completamente surpreendente. “Um dia, que chovera muito, e o horizonte estava mais incerto, o marinheiro cansou-se de sonhar...Quis, então, recordar a sua pátria verdadeira... mas viu que não se lembrava de nada, que ela não existia para ele. [...] Toda a sua vida tinha sido a sua vida que sonhara...E ele viu que não podia ser que outra vida tivesse existido...”(p.447)

Ao leitor cabe a surpresa: o marinheiro tem apenas o que sonhara. De nada mais ele se recorda. Nada o leva à sua pátria verdadeira. Só lhe resta o sonho... E o final é triste e igualmente surpreendente: “Veio um dia um barco e passou por essa ilha, e não estava lá o marinheiro...” E a pergunta parte da terceira veladora: “Talvez tivesse regressado à pátria, mas a qual?” (p.447) E resta ao leitor imaginar uma possível resposta. A qual das duas pátrias o marinheiro poderia ter retornado? À verdadeira? Impossível, já que dela nem mesmo se lembrava. À do sonho? Como, se ela só existia em sua imaginação? Aonde, então, teria ido o marinheiro? E, à primeira veladora que pergunta “Ao menos, como acabou o sonho?”, responde a segunda: “Não acabou... Não sei.. Nenhum sonho acaba...”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa inserida no drama *O Marinheiro*, mostra bem os dois tipos de narrativa que Otto Ludwig chama de “narrativa propriamente dita” e “narrativa cênica”. Na primeira, o narrador leva em conta sua própria

representação da obra, narrando a história segundo a ordem em que a conheceu, permitindo a análise de seus personagens e das suas ações, em seu próprio nome. Na segunda, o narrador contenta-se em representar a história sem se colocar, ele próprio, em questão. Por esses dois tipos, a narrativa aproxima-se do drama.

Há que se destacar, também, o aspecto filosófico da história. Em torno do **sonho**, são tecidas mil conjeturas. Assim como em torno da vida, da perda da identidade, do país que se tem na alma e o que se tem, na vida real. A narrativa tecida dentro da trama d' *O Marinheiro* é, sem dúvida, instigante e paradoxal, como tudo na obra de Pessoa.

Muitas vezes, no decorrer da leitura, sentimos o texto como algo que apresenta fatos que, aos olhos comuns, são totalmente irracionais. No entanto, sentimos que essa irracionalidade se dissimula na narrativa, numa lógica que vem da organização dos fatos da própria ação. No que diz respeito ao enredo, percebemos que há uma espécie de causalidade envolvendo os fatos. É o enredo orgânico, que segundo BURKE (1969, p. 128), “é a forma do conto de mistério, em que tudo se ajusta, como num conto de raciocínio de Poe.”

Quanto ao tempo, há o confronto entre o mundo subjetivo das personagens e as marcações cronológicas externas. O conflito surge do choque entre essas duas situações. Quanto tempo o marinheiro ficou, realmente, perdido? Quanto tempo durou sua criação de uma nova pátria? Quanto tempo o sonho, dentro de outro sonho, tirou de sintonia os elementos marcados pelo relógio, criando outros que são representações do espírito humano?

Quanto ao espaço geográfico, vemos que este é uma decorrência do tempo. Como na narrativa inserida n' *O Marinheiro*, a indicação de áreas geográficas, paisagens, devem ser entendidas como ligadas a outras situações ficcionais. “Proust cria cidades e regiões que mais não são que projeções da reserva da memória, mas que cumprem a missão de refletir o estado emocional do momento narrativo.” (ATAÍDE, 1972, p.50).

Portanto, o sonho narrado no drama de Pessoa, é uma narrativa de ficção que, como tal, não precisa ter lógica. Basta que provoque o prazer especial que se espera do texto. Até mesmo as personagens (a veladora que sonha e o marinheiro sonhado), são incoerentemente coerentes. Aí talvez resida uma das mais fortes características do autor: a visão profundamente paradoxal do mundo, sempre levando à angústia da busca, não ao prazer definitivo da descoberta.

ABSTRACT

This present work intends to introduce some narrative aspects inserted in the static drama *O Marinheiro*, written by Fernando Pessoa. Starting from the idea that the narrative is a central question inside a literary discourse, we try to establish links between the play and its theatrical language; also, the narrative which one character uses to entangle the reader making them reflect in a direct way about existential themes and, as it is common in the *peessoana's* work, extremely paradoxical. The three women totally still who keep vigil over the dead young woman, locked in an old castle room, make the word their only way to interact with the outside world. Sounds, lights, shadows, images, an only window where the sea can be seen, everything is deeply symbolic. In this context the narrative assumes a linking role, leading the reader to the paths which define the characters' emotions and the author's clear intention: to show the fleet of the things and the fragility of life, using the words' strength and permanence.

KEYWORDS: Narrative. Theatrical language. Simbology. Paradox.

REFERÊNCIAS

- ATAÍDE, V. *A narrativa de ficção*. Curitiba: Ed. Dos professores, 1972.
- BURKE, K. *Teoria da forma literária*. São Paulo: Cultrix, 1969.
- JUNQUEIRA, R.S. *Sobre o teatro - música ou Simbolismo e Modernismo n' o Marinheiro de Fernando Pessoa*. Araraquara: UNESP, 2000.
- MARINHO, M. de F. *A viagem no drama estático O Marinheiro*. Porto: Persona, 1983.
- PESSOA, F. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.